

# PRIMEIRAS EXPERIÊNCIAS ESPORTIVAS NA CAPITAL PAULISTA (1854-1875)

Flávia da Cruz Santos<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo tem por objetivo discutir os momentos iniciais da prática esportiva em São Paulo. O recorte temporal adotado, teve em conta os primeiros indícios da ocorrência da prática na cidade, que se deram em 1854, e o momento da estruturação da primeira agremiação esportiva, o Jôquei Clube, que se deu em 1875. Como fontes, foram utilizados periódicos publicados na cidade no período em tela.

**Palavras-chave:** História do esporte; São Paulo; Século XIX.

## First sports experiences in São Paulo, 1854-1875

**Abstract:** This article aims to discuss the initial moments of sports practice in São Paulo. The time frame adopted, took into account the first evidence of the occurrence of the practice in the city, which took place in 1854, and the moment of structuring the first sports club, the Jockey Club, which took place in 1875. As sources, journals published in the city in the period in question were used.

**Keywords:** Sport history; São Paulo; XIX century.

## Primeras experiencias deportivas en la capital paulista (1854-1875)

**Resumen:** Este artículo tiene por objetivo discutir los momentos iniciales de la práctica deportiva en São Paulo. El recorte temporal adoptado, tuvo en cuenta los primeros indicios de la ocurrencia de la práctica en la ciudad, que se dieron en 1854, y el momento de la estructuración de la primera asociación deportiva, el Jockey Clube, que se dio en 1875. Como fuentes, fueron utilizados periódicos publicados en la ciudad en el período en pantalla.

**Palabras clave:** Historia del deporte; São Paulo; Siglo XIX.

## Introdução

As primeiras notícias da prática esportiva na capital paulista, datam de quando a cidade não era urbanizada e tão pouco industrializada. Essas primeiras práticas não constituíam, ainda, o chamado campo esportivo, nos termos de Bourdieu (2019), mas foram fundamentais para o desenvolvimento deste, anos depois. Elas contribuíram para a construção da ambiência, da estrutura de sentimentos e das condições materiais para a conformação do campo esportivo mais tarde.

Esgrima, tiro ao alvo, regatas, rúgbi e críquete foram as primeiras manifestações esportivas de que se tem notícia na capital paulista, desenvolvidas por europeus residentes, ou de passagem pela cidade. Destas, no entanto, apenas a esgrima e o críquete tiveram presença mais marcante nesses momentos iniciais. Mas foi o turfe, de que temos notícias apenas em momentos posteriores, que primeiro se consolidou como esporte na cidade.

Não por acaso, todas essas manifestações datam da segunda metade do século XIX, momento a partir do qual São Paulo se modificou decisivamente. Especialmente a partir de 1867, com a inauguração de sua primeira linha de trem, que a ligava ao litoral, a São Paulo Railway. A partir daí a face da cidade

---

<sup>1</sup> Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer, da Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: [flacruz.santos@gmail.com](mailto:flacruz.santos@gmail.com). Belo Horizonte, Brasil.

se modificou enormemente, se dinamizou e modernizou, tendo os trilhos da estrada de ferro como o primeiro símbolo desse processo, que exibia orgulhosamente.

O desenvolvimento da economia cafeeira acelerou-se, levando mais dinheiro para a cidade e fazendo-a se expandir em ritmo acelerado. Acentuou-se também a chegada de estrangeiros, atraídos pelas novas oportunidades de trabalho e negócios que se delineavam, impulsionadas pelos bons resultados da agricultura cafeeira, e da dinamização e diversificação da economia paulista (MELLO, 1990). A dinâmica da cidade foi aí alterada, de forma brutal pelo binômio café-ferrovia.

Os europeus, além de referência e modelo a ser seguido, foram os organizadores, divulgadores, incentivadores e praticantes dessas primeiras modalidades esportivas. Seu papel no desenvolvimento dos esportes em São Paulo, portanto, vai muito além de uma inspiração, ou modelo a ser seguido. Eles foram mesmo os protagonistas desse processo, foram decisivos para a chegada e o desenvolvimento dos esportes na cidade.

O esporte foi se fazendo necessário, como forma de educação do corpo e do caráter dos paulistanos, no novo contexto que se engendrava. Contexto esse, em que havia um novo ideário de saúde, de educação, e um novo projeto de ser humano, mais adequados à uma cidade que se queria moderna, aos moldes europeus.

As relações políticas, econômicas e culturais que existiam entre as cidades de São Paulo e Rio de Janeiro, vinham de muito tempo, favorecidas pela proximidade geográfica entre elas. A chegada das ferrovias, bem como a maior circulação de capitais em São Paulo, beneficiou esse processo, e contribuiu para a expansão dessas relações para o campo esportivo em gestação.

Ainda que reconheçamos o propalado papel do Rio de Janeiro, de caixa de ressonância de modas e culturas para o restante do Brasil<sup>2</sup>, não é nossa intenção reforçar esse argumento. Mas apenas demonstrar como, no caso de São Paulo, devido às suas especificidades – como não ser uma cidade litorânea, por exemplo –, a corte exerceu importante influência, devido ao fato de ser o centro desenvolvido mais próximo da capital paulista.

Não se tratou, no entanto, de uma relação unidirecional, paulistanos e cariocas foram importantes uns para os outros, no que tange ao desenvolvimento esportivo. Os primeiros adversários dos paulistanos foram os cariocas, e em alguns casos o contrário também se verificou<sup>3</sup>. As equipes viajavam de uma província para a outra para se enfrentar, o que contribuiu para o aperfeiçoamento das habilidades dos jogadores, assim como para a construção de toda uma estrutura em torno dos esportes, fundamental para o seu desenvolvimento.

A ocorrência e o desenvolvimento de outros gêneros de divertimento, anteriores ao esporte, e a gestação de um mercado de entretenimento

---

<sup>2</sup> Ver, por exemplo, Schwarcz, 1998, p. 111.

<sup>3</sup> Esse foi o caso do críquete e do futebol, por exemplo. A falta de adversários no Rio de Janeiro fez com que os cariocas tivessem os paulistanos como seus principais rivais no críquete. No caso do futebol, além dos paulistanos, os cariocas tinham também os niteroienses como adversários. Cf. Melo, 2017.

contribuíram para a construção das condições que permitiram o desenvolvimento do esporte na capital paulista.

O esporte que primeiro se organizou, e deu passos mais sólidos em direção à constituição do campo esportivo na capital paulista, foi o turfe. Em torno dele foram constituídas uma agremiação, e um espaço especificamente destinado à sua prática, o Hipódromo Paulistano. Em função do turfe, os jornais da cidade criaram uma coluna, até então inexistente, chamada “Sport”, e foi se constituindo, paulatinamente, de modo cada vez mais especializado, uma rede de profissionais envolvidos nessa prática.

Partindo do entendimento de que os momentos iniciais da prática esportiva em São Paulo, foram importantes para a conformação do esporte na cidade, é que nos dedicaremos a analisá-los. Eles podem oferecer contribuições à compreensão dessa conformação, bem como das rupturas e permanências desse processo.

O recorte temporal adotado, teve em conta os primeiros indícios da ocorrência da prática esportiva na cidade, que se deram em 1854, e o momento da estruturação da primeira agremiação esportiva na cidade, o Jôquei Clube, que se deu em 1875. Como fontes, foram utilizados periódicos publicados na cidade no período em tela.

### **Pavimentando o caminho ou justificando o esporte: a educação do corpo como necessidade**

Desde a década de 1840 a europeização, o refinamento, os códigos de urbanidade, e a educação cavalheiresca já estavam presentes em São Paulo, como valores a serem alcançados (SANTOS, 2017, p. 70-74). Vários aspectos da vida dos paulistanos foram submetidos a esse ideário, inclusive a educação do corpo (MELO, SANTOS, 2018).

Um discurso que dizia da necessidade de equilíbrio entre a educação intelectual e a educação física, em detrimento de se privilegiar apenas a primeira, foi usado nos periódicos para apregoar a prática de exercícios físicos. Exemplos dessa estratégia de convencimento, abundam nos jornais da cidade:

O vigor físico e a resistência orgânica, que oferecem os homens de hoje estão muito aquém do que foram em outras eras, e no entanto novas gerações se sucedem sempre eivadas dos vícios e da fraqueza hereditária dos seus antepassados, sem ao menos procurar obstar, por um esforço supremo, a ruína crescente da espécie humana.

(...)

Procurando desenvolver por todos os meios possíveis a inteligência, sem se importar muito com o desenvolvimento físico, os povos modernos deixaram estragar-se essa força corpórea, que tantos prodígios fez entre os romanos e espartanos, e constituíram uma raça sem vigor para resistir às causas, que tendem constantemente a abreviar a existência do homem.

Entretanto, as faculdades intelectuais e as forças físicas precisam ser mantidas em um certo equilíbrio para que o excesso de uma não venha, com o tempo, prejudicar a energia da outra.

No país em que a inteligência mais trabalha, na Alemanha, tem-se compreendido o alcance dessa verdade tão fecunda em bons resultados, e a ginástica, a esgrima, os exercícios corporais, a natação entram ali como parte muito importante da educação da mocidade.

Robustecer o corpo ao mesmo tempo que se procura desenvolver a inteligência, eis um dos meios de obstar o progressivo decaimento da raça humana.<sup>4</sup>

Em sintonia com o que se passava na Europa, a elite paulistana trabalhava no sentido de ampliar a educação da mocidade, de uma educação apenas intelectual, para uma educação também física. A preocupação era com a saúde, com os possíveis males decorrentes de um corpo franzino, que não se movimentava, e com a construção de uma raça forte.

O romantismo, inaugurado no Brasil na primeira metade do século XIX, foi outro elemento que corroborou para o aumento das preocupações com a educação do corpo, pois seus adeptos tinham uma tendência à melancolia e ao tédio. Na Europa, onde esse movimento surgiu no final do século XVIII, já se avaliava que suas consequências eram danosas para a mocidade, e muitas vezes irreversíveis<sup>5</sup>.

No Brasil, alguns dos principais nomes do romantismo estavam justamente em São Paulo, eram alunos da Faculdade de Direito. Álvares de Azevedo na dramaturgia, e Firmino Rodrigues Silva na literatura, tendo, este último, sido autor do poema que inaugurou o indianismo no Brasil. As preocupações com as repercussões do romantismo sobre o caráter dos paulistanos apareciam nos periódicos, e os exercícios físicos eram indicados como “remédio”:

Hoje em dia a educação tem se tornado quase exclusivamente intelectual, e a saúde do corpo há sofrido com isso. Cultivado o cérebro com prejuízo dos membros o apetite físico acha-se de ordinário na razão inversa do apetite intelectual.

Não é só a saúde que se arruína em consequência deste desprezo das condições da vida física e desta falta de exercício dos órgãos corporais; o próprio espírito cai em estado mórbido e marasmódico, a pesquisa da ciência é embaraçada e a natureza humana inanida e enfezada, para em seu desenvolvimento. É sem dúvida em razão desta falta de exercício físico que se nota nos homens que se dedicam ao estudo tão frequente tendência para o aborrecimento, para a misantropia, para a inacção e o devaneio, tendência que se revela pelo desprezo prematuro da vida real e pela aversão a toda e qualquer usança: destes dois sestros resultarão, em Inglaterra, o Byronismo, e, na Alemanha, o Wertherismo<sup>6</sup>. O dr. Channing, observando também na América este fenômeno, não hesitou em asseverar que “um grande número de mancebos se educam realmente na escola do desespero.” Só há um remédio para esta espécie de chlorose moral, e é a abundância de exercício físico, de ação, de trabalho, de ocupações corporais de toda a sorte.<sup>7</sup>

As preocupações eram, portanto, não apenas com o físico, mas também com o caráter dos paulistanos. Entendia-se, que já não bastava atuar apenas sobre o intelecto, para inculcar valores e modos de ser. Era preciso atuar

---

<sup>4</sup> Correio Paulistano, 09 out. 1874.

<sup>5</sup> Havia associação entre suicídio e romantismo. Na Alemanha, logo após a publicação de “Os Sofrimentos do Jovem Werther”, de Johann Wolfgang von Goethe, em 1774, houve aumento dos casos desse tipo de morte.

<sup>6</sup> Byron era a referência do romantismo inglês, enquanto Werther era a referência alemã.

<sup>7</sup> Diário de S. Paulo, 11 jan. 1872, p. 2.

diretamente sobre os corpos para que tais valores e normas fossem “‘incorporados’ pela sua vivência corporal concreta” (BRACHT, 1999, p. 173). Entendia-se, desse modo, que os exercícios físicos seriam capazes de revigorar o corpo e o ânimo da mocidade paulistana, equilibrando a tendência ao tédio e à inércia em voga naquele momento.

A esgrima era das práticas mais recomendadas. Ela era tida como parte necessária à educação, sem a qual a formação seria incompleta. Seu papel era o de desenvolver a força física e a coragem, mantendo a elegância e ao mesmo tempo divertindo:

Esperamos que essa primeira tentativa desenvolva em S. Paulo o gosto do jogo das armas, estudo ao mesmo tempo necessário e higiênico: necessário, porque uma educação sem esgrima é uma educação incompleta – higiênico, porque este exercício concorre eficazmente para o desenvolvimento da força física, e é, além de tudo uma distração agradável, nobre e elegante.<sup>8</sup>

Tanto é que a esgrima passou a compor o conjunto das disciplinas escolares não apenas na capital paulista<sup>9</sup>, mas também no interior da província<sup>10</sup>, na corte<sup>11</sup> e em outras localidades do país<sup>12</sup>. A esgrima era alardeada como “o mais salutar exercício para fortificar com igualdade as diferentes partes do corpo humano.”<sup>13</sup>

A esgrima, parte integrante da educação física, é parte conspícua da educação geral. A educação física é base da educação intelectual e moral, porque, como o afirma o conhecido brocardo: mens sana in corpore sano.

O desenvolvimento completo das faculdades e propriedades físicas é o alicerce do desenvolvimento intelectual, e daí a necessidade do consórcio dos dois elementos educativos, para formar o sistema da educação geral.

É esta uma verdade adquirida, de que orgulham-se os tempos modernos.

(...)

Entre os modernos a importância da arte da esgrima é conhecida...

Em todos os países civilizados, o homem de mediana educação é instruído na esgrima, e frequenta os seus exercícios.<sup>14</sup>

Esse discurso e essas representações contribuíram para a construção de uma certa ambiência, favorável ao desenvolvimento dos esportes em São Paulo. No final do século XIX, o esporte e os exercícios corporais já faziam parte do projeto de cidadão paulista. A constituição estadual em construção,

<sup>8</sup> A Província de S. Paulo, 8 jan. 1881, sem número de página.

<sup>9</sup> Alguns exemplos: Correio Paulistano, 25 abr. 1867; Diário de São Paulo, 14 mai. 1867; Correio Paulistano, 5 jun. 1867; Diário de São Paulo, 19 de junho de 1867; Diário de São Paulo, 13 mar. 1868; O Ypiranga, 2 set. 1868; O Ypiranga, 6 out. 1868.

<sup>10</sup> A Província de S. Paulo, 17 dez. 1881; A Província de S. Paulo, 13 jan. 1882; A Província de S. Paulo, 2 fev. 1882; A Província de S. Paulo, 28 set. 1883.

<sup>11</sup> A Província de S. Paulo, 8 mar. 1885, p. 3.

<sup>12</sup> A Província de S. Paulo, 24 nov. 1882, p. 2.

<sup>13</sup> A Província de S. Paulo, 02 ago. 1883, p. 1.

<sup>14</sup> A Província de S. Paulo, 8 fev. 1887, p. 1.

recebeu sugestões indicando a necessidade de tais práticas na formação dos paulistas<sup>15</sup>. Seus apregoados benefícios fizeram com que eles compusessem os currículos da nova escola, republicana.

À medida que se caminhava para o final do século XIX, lançava-se mão de diferentes estratégias para a construção da nova ordem, de trabalho livre, moderna, civilizada, urbanizada, republicana. A educação dos modos de ser dos sujeitos, o que inclui seus corpos, mentes e almas, era uma dessas estratégias, presente não apenas nas instituições formais de ensino, mas também nos divertimentos (SANTOS, 2017). Essa mudança no contexto mais amplo da cidade, repercutiu sobre os modos de compreender o esporte:

Houve tempo em que o esporte foi julgado como demasiadamente grosseiro e material, por todos aqueles que vivem pelo espírito. Hoje, porém, já é visto por um aspecto muito diferente e começa até a verificar-se a sua necessidade nos domínios da educação porque, tanto o trabalho mental como o trabalho manual dependem exclusivamente do vigor físico, da resistência orgânica, a que apenas pela prática do esporte se adquire.<sup>16</sup>

A nova sociedade em gestação, precisava de novos corpos, entendidos não mais apenas como suporte para a mente e o espírito, mas a eles integrado. Tal entendimento estava articulado a uma, também nova, compreensão de saúde e de educação, que era engendrada. A educação do corpo foi, assim, paulatinamente, tornada uma necessidade, e o esporte entendido como meio privilegiado para seu alcance.

### **Os europeus e o esporte em São Paulo**

Os europeus e seus costumes eram bem-vindos pelos paulistanos. Estes, há muito tempo, já valorizavam os modos de ser dos europeus, sobretudo de ingleses e franceses, e procuravam deles se aproximar, copiando seus hábitos. Europeus que frequentaram São Paulo, chegaram mesmo a afirmar, quando de sua estada na cidade, que se sentiam em seus próprios países, tamanha a semelhança entre a capital paulista e cidades europeias (CLEMENCEAU, 1911, p. 380).

São Paulo sempre contou com a presença de europeus em seu território. Desde a chamada primeira fundação da cidade, eles estiveram presentes e desempenharam as mais diferentes funções e profissões em seu cotidiano. Mas é a partir da segunda metade do século XIX, que grandes levas de estrangeiros são atraídas pela prosperidade da cidade e suas possibilidades de trabalho e negócio, fazendo de São Paulo a mais europeia das cidades brasileiras (CAMPOS, 2004, p. 35).

Um primeiro movimento migratório de maior vulto, teve início a partir de 1870<sup>17</sup>. Ele era composto por europeus que possuíam maior qualificação

<sup>15</sup> O Estado de S. Paulo, 21 dez. 1890, p. 2.

<sup>16</sup> O Estado de S. Paulo, 11 set. 1912, p. 3.

<sup>17</sup> O que se deveu, em alguma medida, ao decreto de 1867 que regulamentava a criação de colônias para imigrantes, e ao contrato firmado entre a Associação Auxiliadora de Colonização e Imigração e governo, para introduzir na província, no prazo de três anos, 15.000 colonos (MONTEIRO 1999, p. 39).

profissional e às vezes, também, algum dinheiro. No final do século, esse perfil foi alterado, passando as massas de imigrantes a possuírem menor qualificação e nenhum dinheiro.

Os italianos constituíam a maior parte dos imigrantes que chegaram à província/estado de São Paulo, no período de 1827 a 1895. Do total de 625.301 estrangeiros, 443.697 eram italianos. Os portugueses ocupavam o segundo lugar, com 72.043 imigrantes. Em quarto lugar estavam os alemães, com 13.964 imigrantes. Os franceses, que possuíam reconhecida influência na cidade, foram os sextos em número de imigrantes (3.142). Já os ingleses, protagonistas no cenário esportivo, ocuparam apenas o décimo primeiro lugar, com 1.305 colonos na província/estado de São Paulo em tal período (SÃO PAULO, 1895, p. 40).

Quanto à cidade de São Paulo, tomemos o ano de 1886 como exemplo. A cidade possuía, então, 46.372 habitantes, dos quais 12.290 eram estrangeiros, cujas nacionalidades eram as seguintes: 5.717 italianos, 3.502 portugueses, 1.187 alemães, 351 franceses e 255 ingleses<sup>18</sup> (PAULA, 1954, p. 174-175)<sup>19</sup>. Portanto, apesar de os ingleses possuírem presença, interesses e empreendimentos em São Paulo desde a primeira metade do século XIX (MONTEIRO, 1999), eles eram minoria na capital paulista.

Foi pelas mãos dos europeus residentes na cidade, que São Paulo viveu suas primeiras experiências com o que mais tarde se configuraria como esporte. A esgrima está presente na capital paulista desde 1854, em cursos, aulas particulares, escolas, salas de esgrima, sempre pelas mãos de europeus. Algumas vezes, esses europeus, mestres de armas lecionavam outras matérias, além da esgrima, como latim, grego, matemática, francês, alemão, dentre outras. Outras vezes, eles eram exclusivamente mestres de armas, tinham como único ofício o ensino da esgrima.

Competições de esgrima começaram a acontecer em 1879. Primeiro foram realizados assaltos, e a partir de 1895, os torneios passaram a ter lugar na cidade. Em todos eles, tanto nos assaltos quanto nos torneios, sem exceção, quem estava à frente das iniciativas eram os europeus.

Apesar de haver a presença de público, nessas competições de esgrima, tal presença não era tida como fundamental para o sucesso da prática. Não havia anúncio das competições nos jornais, e tão pouco apelo ou estratégias publicitárias de convencimento do público a comparecer<sup>20</sup>.

O que havia, eram apenas notícias, com relatos de como haviam se desenrolado os embates<sup>21</sup>, ou a simples divulgação de que aconteceria um torneio. Além disso, essas divulgações não estavam nas páginas dos jornais

---

<sup>18</sup> Os italianos eram comerciantes; os ingleses eram médicos, relojoeiros e mecânicos. Os franceses eram modistas, jardineiros, cabeleireiros, joalheiros, litógrafos, dentistas, professores e fabricantes de licores. Os alemães eram comerciantes, engenheiros, farmacêuticos, vendedores, chapeleiros, produtores de refrigerantes e cerveja (MONBEIG, 2004, p. 42-43).

<sup>19</sup> Nas fontes consultadas, tanto para o estado quanto para a cidade de São Paulo, há a indicação de outras nacionalidades, no entanto, restringimo-nos aqui apenas às que interessam aos objetivos propostos.

<sup>20</sup> A única exceção encontrada é uma notícia da edição do jornal O Estado de S. Paulo de 27 de março de 1896, p. 1, em que se diz: “Recomendamos ao público esta festa”.

<sup>21</sup> Alguns exemplos: O Estado de S. Paulo, 9 de dezembro de 1895, p. 1; O Estado de S. Paulo, 30 de março de 1896, p. 1; O Estado de S. Paulo, 25 de novembro de 1897, p. 2.

destinadas à publicidade, o que é um indicativo de que os organizadores das competições não pagavam aos periódicos por essa divulgação<sup>22</sup>.

Antes da ocorrência das competições, no entanto, a esgrima já estava presente nas escolas. O Liceu Alemão<sup>23</sup> contava com aulas de esgrima, ministradas por professor vindo da Alemanha, desde 1867. Clubes foram organizados exclusivamente em função da esgrima, como o Clube de Esgrima, a Academia de Esgrima e o Clube de Esgrima Kosmos, o que demonstra a sua importância no contexto em tela. Ela era capaz de reunir em torno de si, dezenas de homens, que pagavam mensalidades, administravam a associação e se encontravam periodicamente para estudá-la, praticá-la e se divertir competindo uns contra os outros.

Mas a esgrima estava presente também, de forma não exclusiva, em outras associações, como o Esporte Clube Internacional, Grêmio do Comércio de S. Paulo, Clube Massanietto Parisi, Clube Internacional de Ginástica e Esgrima, Clube de Ginástica e Esgrima, Clube Força e Coragem, e até mesmo em uma sociedade carnavalesca, o Clube dos Girondinos, que oferecia aulas de esgrima.

Alguns desses clubes, estavam ligados à nacionalidade de seus fundadores e membros associados, como o Clube Ginástico Português, Clube Ginástico Luso-brasileiro, Clube Brasileiro de Esgrima e Tiro, Real Clube Ginástico Português, Congresso Luso-brasileiro e Clube Germânia.

As escolas, agremiações e professores tinham origem alemã, sobretudo, mas também portuguesa e prussiana. A esgrima era dos raros territórios em que os franceses não eram unanimidade, pois vez ou outra, eram criticados por sua falta de dedicação e perícia<sup>24</sup>. Apesar disso, no entanto, houve uma associação franco-brasileira exclusivamente dedicada à tal modalidade em São Paulo<sup>25</sup>, bem como um curso de esgrima dirigido por professor francês<sup>26</sup>. Mas os alemães eram aqui a referência, e os mestres por excelência, seus modos de lutar eram tidos como os mais elegantes.

As associações portuguesas, também se dedicavam à esgrima e contribuíram para a sua conformação na capital. Esse é o caso do Clube Ginástico Luso-brasileiro, fundado em 1876, do Clube Ginástico Português<sup>27</sup> e do Congresso Luso-brasileiro, ambos criados em 1878. Essas associações ofereciam aulas e cursos de esgrima, e organizavam assaltos e torneios.

---

<sup>22</sup> Em 1897, cada linha de anúncio no jornal O Estado de S. Paulo custava 200 réis, e as repetições dos anúncios custavam 160 réis (O Estado de S. Paulo, 24 set. 1897, p. 2).

<sup>23</sup> Tal escola era mista, e possuía um programa de ensino similar ao das escolas da Alemanha. A colônia alemã contava com outras duas escolas na capital paulista, a Escola Popular Alemã e a Escola Teuto Brasileira (BASTOS, 2004, p. 160).

<sup>24</sup> Cf. por exemplo: A Província de S. Paulo, 4. Ago. 1875, p. 2. Mas eles também eram elogiados, e tidos como exemplos: “Diversas são as escolas, como diversas são as nações, mas é lícito dizer que tem a primazia a escola francesa, notável pela elegância dos movimentos, e pelo acurado estado da parte defensiva, e a escola italiana que visa principalmente o ataque, multiplicando as surpresas de todo gênero.” (A Província de S. Paulo, 8 fev. 1887, p. 1.)

<sup>25</sup> A Província de S. Paulo, 24 nov. 1882, p. 2; A Província de S. Paulo, 8. Fev. 1887, p. 1.

<sup>26</sup> A Província de S. Paulo, 5. Fev. 1887, p. 2; A Província de S. Paulo, 8. Fev. 1887, p. 2.

<sup>27</sup> Encontramos também a denominação “Real Clube Ginástico Português”. Mas há indícios de que se trata do mesmo clube.



Há indícios da participação dos trabalhadores do comércio<sup>28</sup>, na organização da esgrima na cidade. Eles treinavam no campo dos curros, nos domingos de 1870<sup>29</sup>, e em 1878 fundaram o Congresso Ginástico Luso Brasileiro, com salão próprio, no largo do palácio, onde havia o ensino da esgrima, e também de dança, música e ginástica<sup>30</sup>. Houve ainda o Grêmio do Comércio de São Paulo que, em 1889, oferecia aulas noturnas de esgrima aos seus sócios<sup>31</sup>. Pois, como os mesmos eram trabalhadores, que não tinham folga, nem mesmo aos domingos (BASTOS, 2005), era necessário que as aulas fossem a noite, depois do trabalho.

É importante notar, que era grande a presença de imigrantes portugueses no comércio paulistano na segunda metade do século XIX (BASTOS, 2004; 2015), e que, portanto, essas iniciativas dos trabalhadores do comércio, foram entabuladas, em larga medida, por esses imigrantes. Desempenhavam o ofício de caixeiro, que englobava uma gama de atividades como atendimento, limpeza e organização da loja, vendas no balcão e nas ruas, cobranças, serviços de escritório e escrituração. Os caixeiros residiam no mesmo local de trabalho, e os caixeiros portugueses, especificamente, estavam concentrados no perímetro central da cidade, onde localizavam-se as principais atividades comerciais<sup>32</sup>.

As associações desempenhavam diferentes funções na vida dos imigrantes (FONSECA, 2008). Para os portugueses, especificamente, que viviam situação ambígua no Brasil, ora tendo sua presença e seus laços louvados e reforçados, ora sendo negados, numa relação com o contexto político e econômico mais amplo, de construção de uma identidade nacional, as associações eram uma estratégia de afirmação, de organização para o enfrentamento de problemas, e de realização de trocas culturais com os brasileiros. Essa última função, de realizar trocas culturais, pode ser percebida de forma mais evidente, nas associações luso-brasileiras, que possuíam o objetivo deliberado de unir em um mesmo clube portugueses e brasileiros.

Professores de esgrima de diferentes nacionalidades ofereceram seus serviços na capital paulista: Theodoro Maximilio de Krans (prussiano), Eiserhard (alemão), E. Michel (francês), Wilhelm Reichardt (alemão), Manoel Baragiola (italiano), Spione Ferreto (italiano). E muitos outros, cuja nacionalidade não foi possível confirmar, mas cujos sobrenomes são indícios de sua origem estrangeira<sup>33</sup>.

---

<sup>28</sup> Tal categoria profissional também esteve envolvida com a prática esportiva na corte, em diferentes modalidades (MELO, 2013; 2014b; MELO, PERES, 2014). Em tal localidade, também havia presença massiva de portugueses trabalhando como caixeiros (POPINIGIS, 2007).

<sup>29</sup> Diário de São Paulo, 28 ago. 1870, p. 3.

<sup>30</sup> A Província de S. Paulo, 22 dez. 1878, p. 3.

<sup>31</sup> A Província de S. Paulo, 25 nov. 1895, p.1.

<sup>32</sup> Ruas do Rosário, do Comércio, da Quitanda e Direita. As ruas São Bento, Ouvidor e Príncipe também eram importantes ruas comerciais, mas contavam com maior diversidade quanto à nacionalidade dos caixeiros (BASTOS, 2004).

<sup>33</sup> Julio Pitcher, J. E. de Verney, Charles Mathieu, G. M. Camposampiero, P. A. Gomes Cadim, Mario Latini, Rodolpho Botti, Jacintho Sanches, Luiz Bazaretti, Ferrete, Salvador Cuffari, Carlo Salerni, Renato Nieri, Arthur Batalha, Joaquim Barros, Gianetto Ricci, Giorgio Pusso.

Escolas, agremiações e professores particulares ofereciam lições de esgrima, como parte da formação dos homens daquela época. Sim, apenas homens faziam aulas, e apenas eles eram mestres de esgrima nesses momentos iniciais<sup>34</sup>. Os atributos que se entendia que ela seria capaz de forjar, estavam ligados ao que se esperava do caráter apenas dos homens:

a esgrima faz hoje parte da educação; é um nobre exercício que dá força, coragem, e um justo orgulho, desenvolve os movimentos do corpo, e fornece os meios de proteger os fracos, reprimir os audaciosos, descobrir os poltrões e defender com sucesso a nossa honra e nossa pátria.<sup>35</sup>

Se na esgrima, percebemos a participação de sujeitos de diferentes nacionalidades em sua organização, e a ausência dos ingleses, no críquete a situação é inversa. Os ingleses são os únicos, nesses momentos iniciais, a organizarem clubes em torno do críquete, que é, inclusive, uma de suas marcas identitárias<sup>36</sup>.

Não há, nessa organização inicial do críquete, a intenção de realizar trocas culturais com os brasileiros ou com membros de outras colônias, como ocorreu na esgrima. Mas, ao contrário, o objetivo era reforçar os laços da colônia inglesa, e celebrar a cultura comum. Um dos indícios de tal fato, são os anúncios das partidas, que foram publicados apenas em língua inglesa<sup>37</sup>, se dirigindo, assim, aos anglófonos residentes na cidade. O mesmo foi observado no Rio de Janeiro, onde a colônia britânica anunciava as partidas de críquete em jornais publicados em inglês (MELO, 2017).

Em pouco tempo, no entanto, os anúncios passaram a ser publicados em português ou em inglês e português, simultaneamente, demonstrando preocupação em atrair um público mais amplo para as partidas. Os anúncios estavam nas páginas dos jornais destinadas à publicidade, indicando que seus organizadores não apenas solicitavam a divulgação, como também pagavam por ela. Estratégias mais elaboradas de convite e convencimento do público, também começam a aparecer nos anúncios.

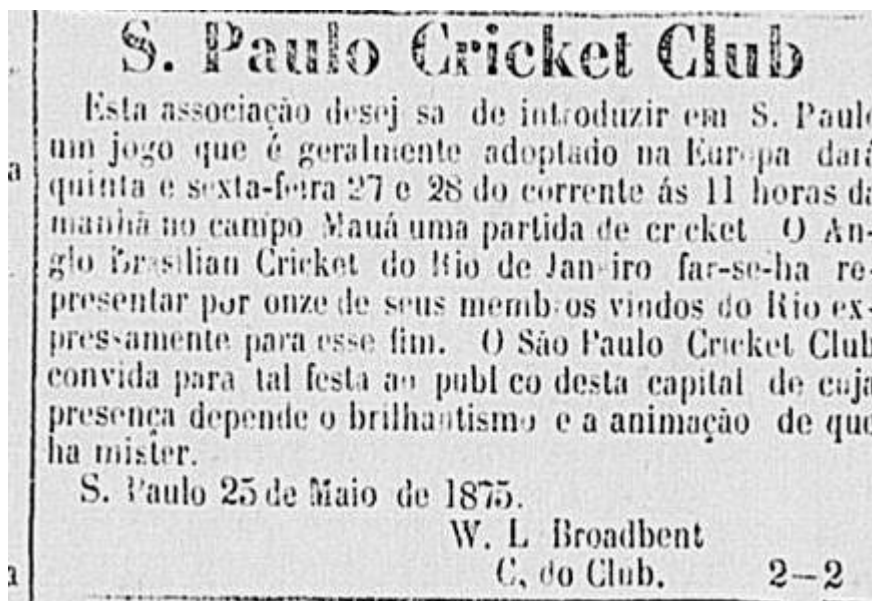
---

<sup>34</sup> Nos jornais paulistanos, se noticiava a prática da esgrima por mulheres em outros países. Cf. A Província de S. Paulo, 19. Set. 1886; O Estado de S. Paulo, 4 jun. 1891).

<sup>35</sup> A Província de S. Paulo, 9 mar. 1881, p. 3.

<sup>36</sup> BURKE, Peter & PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. *Os ingleses*. São Paulo: Contexto, 2016.

<sup>37</sup> Correio Paulistano, 19 jun. 1872, p. 3.



**Imagem 1: Correio Paulistano, 27 mai. 1875, p. 4.**

O público, portanto, muito rapidamente foi tido como fundamental para o sucesso do divertimento pelos ingleses, que entabularam esforços para conseguir sua presença. O que evidencia o caráter de espetáculo das partidas e, portanto, uma maior aproximação do críquete com o que mais tarde virá a ser o campo esportivo.

O São Paulo Críquete Clube, primeiro clube de críquete da capital, foi fundado em 1872, e era composto por membros da colônia inglesa residentes na cidade. Sua fundação foi comemorada nos jornais, como sendo uma tentativa de introduzir o críquete em São Paulo. No entanto, já em 1883, os praticantes de tal esporte continuavam a ser apenas os imigrantes ingleses residentes na capital paulista.

Os imigrantes enfrentavam em São Paulo, condições de vida muito adversas. Muitas vezes eram agenciados em seus países de origem, para desempenhar funções para as quais não havia demanda nas terras paulistanas. Eram, então, deslocados para funções que não sabiam desempenhar, e ficavam à beira da miséria e com dívidas. Havia ainda, os que não encontravam trabalho, e viviam, efetivamente, na miséria. Os que encontravam trabalho, tinham dificuldades de adaptação, eram submetidos a relações abusivas, e algumas categorias profissionais não possuíam folga semanal. Eram impedidos, pela legislação brasileira, de professar religião diferente da católica apostólica romana. Enfrentavam dificuldades com o idioma, com a cultura e com os modos de ser dos brasileiros.

As condições de vida para os imigrantes eram tão indignas, que em 1859 a Prússia proibiu seus nacionais de imigrarem para o Brasil<sup>38</sup>, o que foi mantido pela Alemanha, após a unificação em 1871. Inglaterra e França adotaram medidas de restrição da imigração para o Brasil, na década de 1870. Apesar de não impedirem completamente, essas medidas dificultaram a emigração de europeus para o Brasil (MAGALHÃES, 1993; BASTOS, 2015).

Os ingleses gozavam de melhores condições, pois eram tidos como trabalhadores especializados, eram contratados ainda na Inglaterra, e tinham

<sup>38</sup> Através do Restrito von Heydt.

emprego garantido em São Paulo, na construção da malha ferroviária de ligação da capital paulista a Santos, à corte e às cidades do interior. Os ingleses também estavam presentes na capital paulista, na condição de investidores, desde a primeira metade do século.

Deste modo, a organização de sociedades de diferentes naturezas, foi uma estratégia de enfrentamento e superação das dificuldades pelos imigrantes. A coesão do grupo e a afirmação de sua identidade cultural, possibilitavam a ajuda entre seus membros, e a organização do grupo em torno de questões comuns.

Em 1888, a colônia inglesa inaugurou mais um clube de críquete na capital paulista, o São Paulo Athletic Club. A essa altura, já aconteciam partidas interestaduais e até mesmo internacionais de críquete em São Paulo, que foram intensificadas com a inauguração do novo clube. Times do Rio de Janeiro, de Santos e de Buenos Aires iam à capital paulista disputar partidas e, assim, acabavam por divulgar o esporte, já que as partidas eram noticiadas pelos jornais.

Apesar de não ter caído no gosto dos paulistanos, e ter ficado mais restrito à colônia inglesa, o críquete teve importância na difusão de outros esportes em São Paulo (MELO, GOMES, 2019), assim como na conformação do campo esportivo.

### **É dada a largada**

Desde a década de 1850, pelo menos, os periódicos paulistanos procuravam demonstrar a relação dos ingleses com o turfe, evidenciando sempre como possuir cavalos corredores, frequentar hipódromos, realizar apostas e ser amante dos cavalos eram fatores de distinção e *status* na Inglaterra. Nesta época, a Europa era a referência de civilidade e progresso, especialmente Inglaterra e França.

Portanto, o fato de se tratar de um divertimento inglês, já fazia do turfe uma prática desejada pelos paulistanos, que se queriam civilizados. Os cronistas, no entanto, procuravam reforçar essas relações, entre o turfe, os ingleses, os parisienses, a elegância, a civilidade e as classes abastadas, numa tentativa de atribuir valor às corridas de cavalo, e de incentivar a frequência ao hipódromo.

Os paulistanos amantes de tal divertimento, viajavam à capital do império para nele tomar parte, quando ainda não havia clubes e hipódromos em São Paulo. As corridas da corte eram anunciadas nos jornais da cidade, com o objetivo deliberado de fazer com que os paulistanos delas participassem:

Jockey Club do Rio de Janeiro – Pedem-nos para noticiar que no dia 26 deste mês haverá no Prado Fluminense da capital do império grandes corridas de possantes cavalos nascidos no Brasil e estrangeiros. (...) A notícia que damos tem por fim tornar conhecido nesta província aos amantes de tal divertimento, o dia em que o mesmo deverá ter lugar, ficando assim avisados os que desejarem participar dele.<sup>39</sup>

<sup>39</sup> Correio Paulistano, 5 jul. 1874, p. 1

Apesar de haver indícios de que antes de possuir um hipódromo, as corridas de cavalos já aconteciam em espaços improvisados da capital paulista, foi somente em 1875, com a fundação do Clube de Corridas Paulistano, que o turfe começou a melhor se organizar na cidade. Depois de voltar de uma viagem à Inglaterra, Raphael Aguiar Paes de Barros, se uniu a mais quatorze membros da “seleta elite paulistana”, para criar tal sociedade.

Essa associação abria inscrições para as corridas, uma ou duas semanas antes das mesmas acontecerem. Era quando, então, os proprietários dos cavalos podiam inscrever seus animais e seus jôqueis. Os sócios do clube recebiam ingressos para assistir às corridas, enquanto os demais interessados deviam comprá-los.

Os fundadores do Jôquei Clube eram filhos de senadores, de barões, de ricos fazendeiros de café. Raphael era filho do Barão de Itu e neto do Barão de Iguapé. Um outro fundador do clube de corridas foi Antônio da Silva Prado, que a essa época também se tornara empresário do Teatro São José, e era membro de uma das famílias mais ricas da cidade. Raphael de Barros havia estudado na Inglaterra, e Antônio Prado na França.

Ser membro da elite não significava apenas possuir muito dinheiro e títulos aristocráticos, era preciso também estar alinhado aos padrões comportamentais europeus. Daí o envolvimento da elite paulistana, na criação de sociedades de caráter cultural. Era uma estratégia de legitimação social, além de ser uma forma de obter lucros.

Em 22 de outubro de 1876, a capital paulista inaugurou o seu primeiro espaço destinado às corridas de cavalos, o Hipódromo Paulistano<sup>40</sup>, onde as provas aconteciam aos domingos, sem, no entanto, uma constância regular ou calendário fixo. Havia, no entanto, a tentativa de estabelecer um calendário anual. Em alguns anos houve corridas distribuídas ao longo de todos os meses, em outros, entretanto, as corridas se concentraram em um período do ano.

O motivo, apresentado pelos jornais, das irregularidades da presença do turfe na cidade, era a falta de animais adequados<sup>41</sup>. Quando o Jôquei Clube realizava corridas com poucos cavalos inscritos, o volume de apostas era menor, assim como a presença do público, em relação às corridas com número maior de animais.

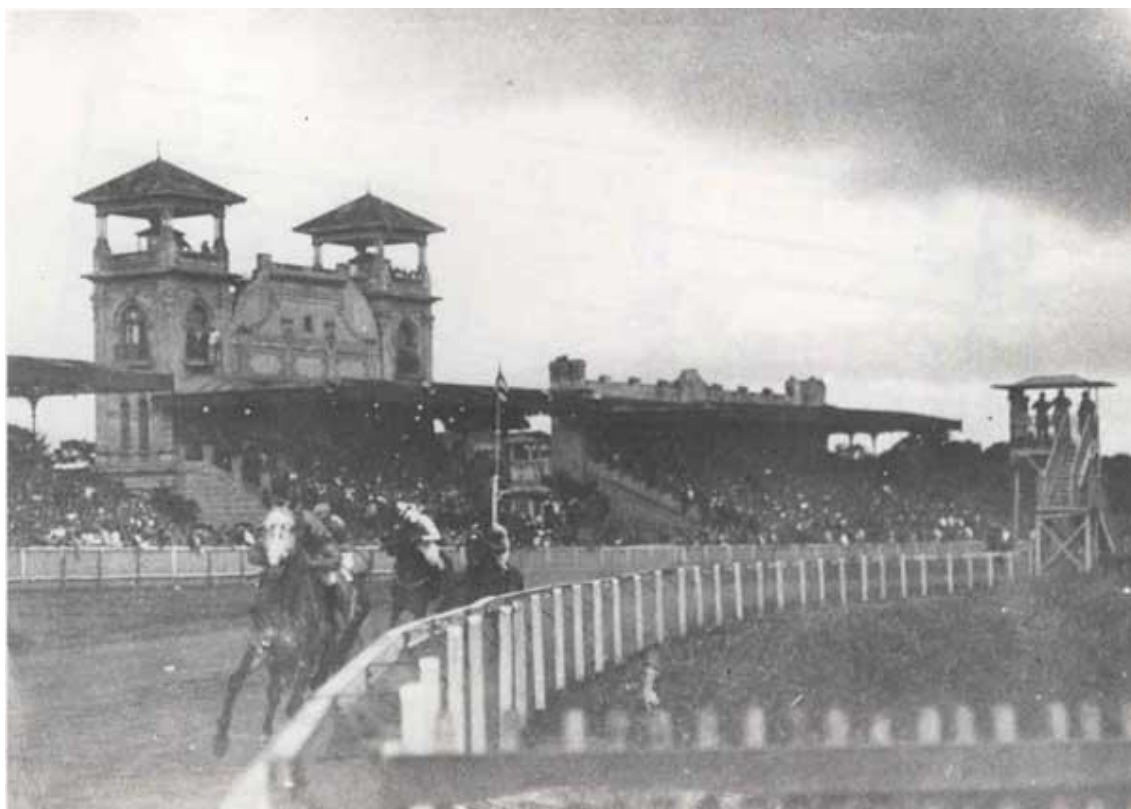
Nestas situações, ao invés de obter lucro, como era comum acontecer em associações dessa natureza, o Jôquei Clube obtinha prejuízos. Numa tentativa de resolver o problema, houve a importação de cavalos por membros da elite paulistana, direto da Europa e da região platina, já que os cavalos de corrida nacionais não apresentavam a mesma qualidade e desempenho dos importados.

No entanto, tal iniciativa não foi suficiente, pois as corridas continuaram a acontecer de modo irregular. Nesse momento, os membros do Jôquei Clube solicitaram auxílio ao poder provincial, que atendendo à solicitação, passou a financiar uma prova por ano. Tais financiamento e apoio foram mantidos depois da proclamação da República, com a realização anual do chamado Grande Prêmio Estado de São Paulo.

---

<sup>40</sup> A Província de S. Paulo, 15 out. 1876, p. 4.

<sup>41</sup> O Estado de S. Paulo, 28 jun. 1891, p. 2; O Estado de S. Paulo, 24 jan. 1895, p. 1.



**Imagem 2: Corrida no Hipódromo Paulistano, s/d.:**

<https://saopaulopassado.wordpress.com/2015/08/29/entre-cavalos-e-automoveis/>

Ainda que não houvesse um calendário absolutamente regular, nesses momentos iniciais, foi o turfe que inaugurou na cidade essa ideia de um calendário de provas. O turfe dinamizou a cena pública, se constituiu em espaço para exibição e negócios. Foi a primeira prática denominada, pelos próprios paulistanos daquele tempo de “sport” e originou, nos periódicos da cidade, uma coluna de mesmo nome<sup>42</sup>.

Além disso, ele não estava restrito a uma colônia de imigrantes, mas ao contrário, a frequência ao hipódromo se disseminou em certos estratos da sociedade paulistana. O turfe, portanto, exerceu papel relevante no desenvolvimento e consolidação do esporte na capital paulista.

Apesar das dificuldades financeiras encontradas, pois se trata de um divertimento dispendioso, o turfe se fixou na capital paulista. Ele surgiu em um momento de grandes transformações não apenas para São Paulo, mas para todo o país. Atravessou mudanças sociais, culturais, econômicas e políticas. Viveu o momento em que a cidade abandonava definitivamente sua condição de pouca expressividade, para se tornar a maior metrópole do país.

Atravessou a transição do Estado imperial escravocrata para a república de trabalho assalariado. Viveu os momentos prósperos do café, e também seus momentos de crise, que fizeram com que alguns de seus adeptos e promotores deixassem a condição de elite para se tornarem membros da classe média. E foi em meio a esse contexto efervescente de mudanças, que o turfe passou a

---

<sup>42</sup> Tal seção foi inaugurada no Correio Paulistano em 05 de fevereiro de 1882, e no O Estado de São Paulo em 24 de setembro de 1890.

fazer parte da vida de São Paulo, estando até hoje presente no cotidiano da cidade.

### **Elegância nas arquibancadas: a presença feminina**

A presença feminina se faz sentir, nesses momentos iniciais da configuração do esporte na capital paulista, pela ausência, pelos silêncios. O corpo feminino era algo quase proibido, em que não se podia tocar e cujas formas não era permitido conhecer. As vestimentas não apenas adornavam, mas escondiam e deformavam o corpo feminino. Elegância era a palavra de ordem, era o que orientava a participação das mulheres na cena pública.

Essa participação, apesar de ser desejada e incentivada, se restringia às arquibancadas. O embelezamento do espetáculo, por vezes, se limitava à sua presença, às suas vestes e adornos. Depois de afirmar, que as corridas do Grande Prêmio, no Hipódromo da Mooca, haviam sido “uma verdadeira decepção”, o colunista, que assina como “Jack, Entraineur” avalia:

Apesar de tudo isso porém, Jack está satisfeito, porque as senhoras apresentaram-se como deviam, vestidas com luxo e esmero. Ocuparam as arquibancadas, enquanto nós outros vínhamos para o encilhamento ou para as imediações da pista.

Lá em cima, viam-se os reflexos das sedas, ao lado das cores embasadas dos vestidos de lã ou de linho, flutuavam rendas, e agitavam-se leques de infinitas formas, uns de plumas, outros de gaze e entre eles um muito chique formado de folhas de begônias.<sup>43</sup>

Todos se sentiam autorizados a avaliar as mulheres, a julgar sua aparência, até mesmo alguém cuja especialidade era o treinamento. Elas eram reduzidas a isso, à aparência, às vestimentas, penteados e adereços. O que é um indicativo, de que as mulheres que estiveram presentes nesses momentos iniciais da conformação do esporte, pertenciam exclusivamente às elites. Pois, a impossibilidade da exibição de luxos pelas camadas populares nos momentos de diversão, era apontada pelos próprios paulistanos:

Ora, todos nós sabemos quanto custa frequentar sociedades hoje em S. Paulo, principalmente quem tem mulher e filhos. Como porém me asseveraram que na Concórdia Familiar eram expressamente proibidas as sedas, as joias e as luvas, verbas todas estas elevadíssimas para os pais de família, acedi a entrar para esta nova sociedade.

Qual não foi, porém, Sr. redator, o meu desapontamento quando entrando noite de sábado na casa onde se dava a partida da Concórdia, vi algumas senhoras cobertas de seda e brilhantes, com finíssimas luvas Jouvin! Fiquei furioso assim como minha Eva, e mais prole, que todas tinham ido com seus vestidinhos de 6\$rs., sem luvas nem adereços. Ora, uma sociedade familiar não é lugar para se ostentar riqueza, porque ofende e faz pouco nos outros, que não tem a felicidade de agarrarem boas empresas, que não tem lucros fabulosos, podendo por essa razão gastarem a grande.<sup>44</sup>

<sup>43</sup> O Estado de S. Paulo, 21 out. 1890, p. 1.

<sup>44</sup> Correio Paulistano, 22 out. 1872, p. 2.

O investimento nas roupas e adornos era um imperativo para aqueles que frequentavam espaços de sociabilidade, o que acabava por deles excluir uma parcela nada pequena da população da capital. A sociedade paulistana era “muito desigual, hierarquizada ao extremo e com elevado índice de concentração de riqueza” (DIAS, 1995, p. 192). Desde o século XVII, havia na cidade a presença maciça de mulheres sós de maridos ausentes, que eram chefes de família, e viviam de seus próprios trabalhos<sup>45</sup>, eram pobres. Essas mulheres eram chefes de 40% dos fogos da cidade em 1808, de aproximadamente 40% em 1822, e de 36% em 1836 (DIAS, 1995, p. 30).

Mesmo em Londres, a participação feminina na cena política e nos esportes ainda era tema de debates. No parlamento se discutia a possibilidade do voto feminino, e a primeira agremiação “destinada aos dois sexos”, anunciava sua inauguração. Para o correspondente do Diário de São Paulo em Londres, ao mesmo tempo em que tal agremiação era “um passo dado na senda da emancipação feminina”, era também por ele tida como “promíscua” e “ridícula”:

Os otimistas observam que o meio de não separar o marido da mulher, o noivo da noiva, no passo que os experientes apontam os abusos da associação promíscua dos dois sexos para atirar com o arco e para jogar o críquete, de que resultou a sua ruína.

As facécias e as caricaturas acerca do clube dos dois sexos formigam em Londres.

Citam-se casos de maridos mistificados pelas consortes, cobre-se de ridículo a pretensão de chamar o belo sexo para o sitio onde os homens fumam e jogão o bilhar. Não é temeridade supor que o clube *Grosvenor* viverá o que vivem as rosas.<sup>46</sup>

O olhar do correspondente, que inferimos ser brasileiro, está informado pelos seus modos de compreender a mulher, o homem e suas possibilidades de convivência e relacionamento. Modos de compreender que não eram apenas seus, mas que estavam presentes no contexto aqui investigado, faziam parte da moral daquele tempo. A convivência mais próxima entre mulheres e homens, o contato físico entre eles na cena pública, ainda eram motivo de preocupação e alvo de iniciativas educativas.

O ensino da dança, como preparação para a participação em bailes, foi uma de tais iniciativas, em que mulheres e homens aprendiam, em aulas separadas por sexo, técnicas corporais, formas de dançar, bem como aprendiam a se portar publicamente na presença um do outro (MELO, SANTOS, 2018). Enquanto os homens se dirigiam ao local das aulas, as mulheres recebiam os professores em suas próprias residências.

Alguns anos mais tarde, no entanto, temos notícia de que “a moda da esgrima entre senhoras está se desenvolvendo extraordinariamente em Londres.” Essa moda estava restrita às elites, é bom que se diga, era uma marca de distinção e *status*. A preocupação e o controle do corpo feminino estavam muito presentes, o que é evidenciado pela descrição das vestimentas usadas pelas mulheres para a prática: “usam uma calça semelhante à dos

<sup>45</sup> Essas mulheres exerciam ofícios pouco valorizados na sociedade paulistana daquela época. Eram costureiras, engomadeiras, lavadeiras, quitandeiras, fiadeiras, jornaleiras, tropeiras, padeiras, roceiras (DIAS, 1995).

<sup>46</sup> Diário de São Paulo, 28 jan. 1875, p. 2.



homens, mas apertada no tornozelo, blusa curta apertada na cintura e sobre esta afivelado o plastron de anta.”<sup>47</sup>

Ainda que em São Paulo, a participação feminina nos primórdios da cena esportiva tenha ficado restrita às arquibancadas, foi possível encontrar referências, nos periódicos da cidade, à participação feminina na prática esportiva, mais propriamente dita, em outros países. Uma atriz francesa, Sarah Bernhardt, que havia estado na capital paulista, e depois seguido para Buenos Aires, protagonizou o que foi considerado o primeiro assalto entre uma “dama e um cavalheiro” realizado na Argentina<sup>48</sup>.

Não se tratou de um espetáculo, o embate não se deu no circo, e tão pouco em algum outro palco, onde aconteceu boa parte das primeiras presenças femininas nas práticas corporais<sup>49</sup>, tratadas como curiosidades ou excentricidades (MELO, 2007). O duelo aconteceu no Círculo de Esgrima de Buenos Aires, espaço próprio da prática, a ela destinado exclusivamente, cujo “salão estava repleto de senhoras e cavalheiros da mais fina sociedade argentina”. Portanto, uma associação de esgrima estava legitimando a presença feminina na prática.

Atributos outros, que não os ligados à beleza, foram notados em Sarah Bernhardt: “Em Buenos Aires ela não receu bater-se com os melhores espadachins da cidade, e a imprensa é unanime em admirar a correção, firmeza e garbo da esgrimista.”<sup>50</sup> Além disso, ela foi chamada de esgrimista, sem qualquer adjetivação ou tentativa de demarcar diferenças entre ela e um esgrimista homem.

Durante toda a crônica, as diferenças demarcadas entre os adversários, se referiram exclusivamente às suas habilidades com o manejo do florete, e à sua desenvoltura na luta:

Um desses assaltos tornou-se particularmente notável, tanto mais que não se podia prever o resultado da luta porque a grande trágica tinha diante de si uma das melhores espadas da República.

Ao primeiro passo, os dois adversários atacaram-se com grande vigor; Sarah, porém, pondo-se em guarda executou com muita habilidade uma série de movimentos, terminando por um golpe direto, que foi aplaudido por toda a sala.

No segundo assalto, após três ou quatro golpes que a grande atriz não pode rebater, os dois adversários puseram-se de novo em guarda. Sarah, então, crescendo vivamente sobre o adversário o desarmou com um golpe inesperado; mas, inclinando-se logo, apanhou o florete e o restituiu graciosamente ao adversário. O exercício terminou logo depois, sendo a genial artista muito saudada pelo vencido e todos os seus compatriotas.

A esgrima foi uma das primeiras modalidades, em que houve uma participação feminina mais direta. Indicativo de distensões sociais, e de avanços na forma de compreender o corpo feminino e suas potencialidades. A esgrima foi tida como parte, inicialmente, da educação dos homens, e posteriormente, também das mulheres. A preocupação era em fortalecer o

<sup>47</sup> O Estado de S. Paulo, 4 jun. 1891, p. 1.

<sup>48</sup> A Província de S. Paulo, 19 set. 1886, p. 1.

<sup>49</sup> A título de exemplo: O Estado de S. Paulo, 12 jul. 1890, p. 4.

<sup>50</sup> Idem.

corpo das mulheres das elites e, conseqüentemente, a raça (GOELLNER, 2008).

## **Conclusão**

A capital paulista, a partir da segunda metade do século XIX, se modificou decisivamente. Modificações ligadas à moralidade, ao ideário, à estrutura de sentimentos e às condições materiais tiveram lugar na cidade, e construíram as condições que tornaram possível a conformação do esporte.

Uma nova mentalidade, que concebia o corpo como dimensão fundamental do sujeito, articulada à sua mente e ao seu caráter, tornou o esporte uma necessidade. Esse sujeito novo, com um corpo forte e um caráter corajoso, é que daria materialidade à cidade moderna e civilizada ambicionada pelos paulistanos.

As relações que os paulistanos possuíam com a Europa, bem como o aumento maciço do número de imigrantes europeus, foram decisivos para a ocorrência das primeiras manifestações esportivas na cidade. Enquanto a esgrima e o críquete tiveram suas manifestações iniciais organizadas e desenvolvidas pelos europeus, o turfe foi inaugurado por brasileiros que possuíam relações estreitas com países europeus.

Não se pode dizer que os ingleses tenham sido aqui, decisivos. Eles estiveram presentes, foram os responsáveis pela inauguração do críquete na cidade, mas não tiveram papel protagonista nos demais esportes. Eram, sim, a referência e modelo a ser seguido no turfe, mas não tiveram papel na organização direta da modalidade.

Apesar de a esgrima e de o críquete terem constituído associações e de terem organizado competições em torno de si, suas formas de organização possuem mais descontinuidades do que permanências e continuidades com o campo esportivo, mais tarde constituído.

O turfe, por outro lado, além de se constituir a partir de um clube que organizava as competições, e de possuir um espaço próprio para realizá-las, inaugurou a ideia de um calendário de provas, se constituiu em espaço para exibição, e era, ele mesmo, um espetáculo. O que o tornou um negócio, em torno do qual altos valores monetários eram movimentados.

Ingressos eram vendidos para a assistência, animais nacionais e importados eram negociados, e o poder público mobilizado para financiar o espetáculo. Além disso, o turfe foi a primeira prática denominada, pelos próprios paulistanos daquele tempo de “sport” e originou, nos periódicos da cidade, uma coluna de mesmo nome. Portanto, é possível perceber permanências no processo de conformação do turfe, como esporte em São Paulo.

As mulheres, nesses momentos iniciais da conformação do esporte em São Paulo, tiveram sua presença restrita às arquibancadas. Sua função era embelezar o espetáculo, com suas vestimentas e adornos elegantes. As inserções iniciais das mulheres nos esportes em outros países, eram noticiadas e contribuíram para construção da ambiência para a prática esportiva feminina que mais tarde se delineou na cidade.

### Referências Bibliográficas

BASTOS, Sênia. Hospitalidade e história: a cidade de São Paulo em meados do século XIX. *Cadernos CERU*, série 2, n. 15, 2004, p. 151- 164.

\_\_\_\_\_. Hospitalidade, comércio e imigração portuguesa em São Paulo em meados do século XIX. In: I COLÓQUIO INTERNACIONAL SOBRE COMÉRCIO E CIDADE: Uma Relação de Origem, 2005, São Paulo. *Anais*, São Paulo: 2005.

BOURDIEU, Pierre. Como podemos ser desportistas? In: \_\_\_\_\_. *Questões de sociologia*. Petrópolis: Vozes, 2019, p. 165-185.

BRACHT, Valter. A constituição das teorias pedagógicas da educação física. *Caderno Cedes*, Campinas, v. 19, n. 48, p. 69-88, ago. 1999.

CLEMENCEAU, George. *South America to-day: a study of conditions, social political and commercial in Argentina, Uruguay and Brazil*. New York and London: The knickerbocker Press, 1911.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. *Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX*. São Paulo: Brasiliense, 1995.

FONSECA, Vitor Manoel Marques da. *No gozo dos direitos civis: associativismo no Rio de Janeiro, 1903-1916*. Niterói: Muiraquitã, 2008.

GOELLNER, Silvana. As mulheres fortes são aquelas que fazem uma raça forte: Esporte, eugenia e nacionalismo no Brasil no início do século XX. *Recorde: Revista de História do Esporte*. Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, 2008, p. 1-28.

MAGALHÃES, Marionilde Dias Brepohl de. Os imigrantes alemães e a questão da cidadania. *Textos de História*, v. 1, n. 2, 1993, p. 50-72.

MELLO, Zélia Maria Cardoso de. *Metamorfoses da Riqueza*. São Paulo, 1845-1895. São Paulo: Hucitec, 1990.

MELO, Victor; GOMES, Eduardo. Os britânicos e os clubes de cricket na São Paulo do século XIX (anos 1870-1890). *Revista de História*, São Paulo n. 178, 2019.

MELO, Victor. A sociabilidade britânica no Rio de Janeiro do século XIX: os clubes de Cricket. *Almanack*, Guarulhos, n. 16, p. 168-205, Ago. 2017.

MELO, Victor. 'We Have Persons with a Passion for Both the Sea and the Land': The First Representations of Sport in the Brazilian Press (Rio de Janeiro; 1851-1855). *International Journal of the History of Sport*, p. 1-13, 2014.

\_\_\_\_\_. “Educação do corpo – bailes no Rio de Janeiro do século XIX: o olhar de Paranhos”, *Educação e Pesquisa*, vol. 40, n. 3, 2014b, p. 751-766.

\_\_\_\_\_. “Uma diversão adequada? As touradas no Rio de Janeiro do século XIX (1870- 1884)”, *História*, vol. 32, n. 2, 2013, p. 163-188.

\_\_\_\_\_. Mulheres em movimento: a presença feminina nos primórdios do esporte na cidade do Rio de Janeiro (até 1910). *Revista Brasileira de História*, v. 27, n. 54, p. 127-152, 2007.

\_\_\_\_\_; PERES, Fabio de Faria. *A gymnastica nos tempos do Império*, Rio de Janeiro, 7 Letras; FAPERJ, 2014.

MONBEIG, Pierre. O crescimento da cidade de São Paulo. In: SZMRECSÁNYI, Tamás. *História econômica da cidade de São Paulo*. São Paulo: Globo, 2004.

MONTEIRO, Arlete Assumpção. Os imigrantes ao longo dos trilhos da The São Paulo Railway. *Raízes*, n. 19, São Caetano do Sul, ano X, jul. 1999, p. 37-43.

PAULA, Eurípedes Simões de. A segunda fundação de São Paulo: da pequena cidade à grande metrópole de hoje. *Revista de História, Brasil*, v. 8, n. 17, p. 167-179, mar. 1954. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/36096/38817>>. Acesso em: 18 out. 2021.

SANTOS, Flavia da Cruz. *Uma História do Conceito de Divertimento na São Paulo do Século XIX (1828-1889)*. Tese (Doutorado em Estudos do Lazer). Belo Horizonte: UFMG, 2017.

SÃO PAULO (1895). *Relatório apresentado ao Cidadão Dr. Presidente do Estado pelo Dr. Theodoro Dias de Carvalho Junior, Inspector de Terras, Colonização e Imigração do Estado de São Paulo*.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *As barbas do Imperador*. São Paulo, Companhia das Letras, 1998.

Recebido em 21 de outubro de 2022  
Aprovado em 15 de abril de 2023